

Brasil tem o maior superávit primário de 20 grandes economias do mundo

Em 2000, esforço fiscal brasileiro foi mais que o dobro do feito nos EUA

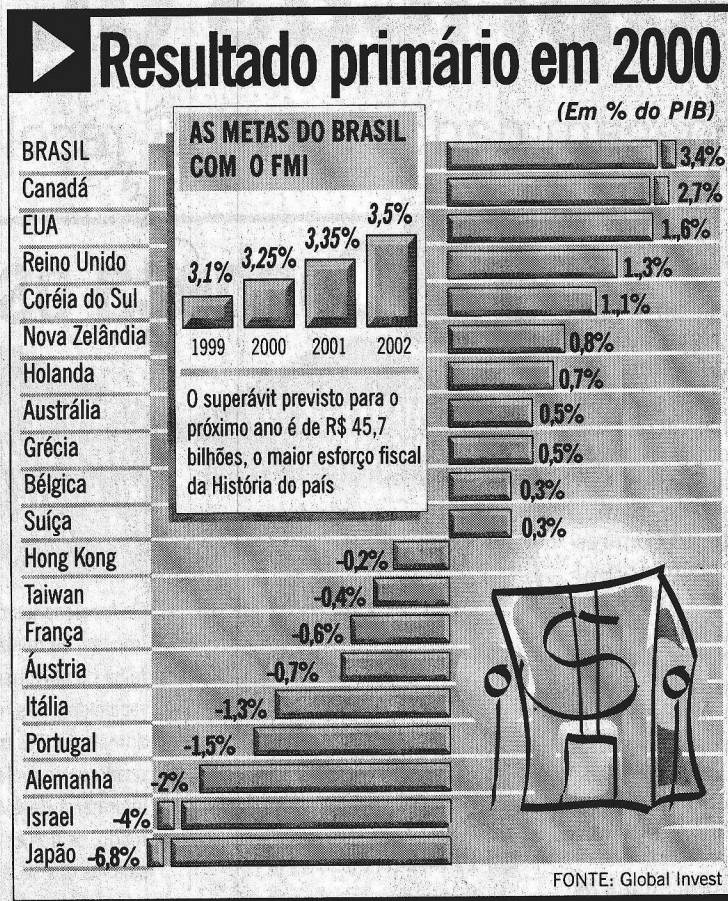
Flávia Oliveira

• O esforço fiscal de R\$ 45,7 bilhões no próximo ano — que o governo se comprometeu a fazer como parte do recém-firmado acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) — não é apenas o maior da História brasileira. O superávit primário (receitas menos despesas, sem contar os gastos com juros) de 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2002 deverá ser o maior do mundo, como vem ocorrendo desde 1999, quando o país começou a economizar recursos para reduzir uma dívida pública, que hoje ultrapassa 50% do PIB.

Déficit japonês alcançou 6,8% do PIB no ano passado

A consultoria paranaense Global Invest, a pedido do GLOBO, investigou o resultado primário de 20 países, entre os quais as três maiores potências mundiais (Estados Unidos, Japão e Alemanha). Descobriu que nenhum deles produziu, em 2000, superávit superior ao brasileiro em proporção do PIB. Nos EUA, a economia foi de 1,6%, menos da metade da brasileira. Já no Japão houve déficit de 6,8% do PIB — não é à toa que os analistas esperam, a qualquer momento, o anúncio de um brutal ajuste fiscal pelo governo japonês.

— Não se tem notícia de que qualquer país do mundo esteja produzindo um superávit tão



alto quanto o brasileiro. O esforço fiscal é imenso, principalmente se considerarmos as carências sociais do país — salienta o economista Fernando Pinto Ferreira, diretor-técnico da consultoria.

O Brasil conviveu por muito tempo com déficit primário, mas vem produzindo superávits desde o fim de 1998, em consequência da crise russa. Foi a forma que o governo

encontrou para reduzir a relação entre a dívida pública e o PIB. A idéia era estabilizá-la em 46% do PIB. Mas isso não foi possível, em consequência da alta do dólar e dos juros.

O economista Lauro Vieira de Faria, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), diz que o imenso esforço fiscal é a única alternativa para estabilizar a dívida. Como os juros reais são altos e o crescimento é baixo,

o jeito é economizar. Segundo ele, se os juros e a expansão do PIB permanecerem no patamar atual e o governo produzir superávits de apenas 2%, em dez anos a dívida pública ultrapassará 60% do PIB. Já o superávit de 3,5% pode reduzi-la para 44% do PIB no mesmo prazo, diz Faria:

— O superávit superior a 3% do PIB é compatível com a dinâmica de nossa dívida pública, mas é um esforço grande demais. Acho que, daqui a pouco, vão questionar viabilidade política disso.

Krugman diz que potências ignoram receita do FMI

Em artigo recente, o economista americano Paul Krugman criticou o rigor fiscal que organismos como o FMI impõem a países em desenvolvimento. Segundo ele, as grandes nações ignoram o receita em seus territórios. Fernando Ferreira lembra que, em meio à atual onda de instabilidade mundial, os Estados Unidos estão reduzindo os juros e abrindo mão de arrecadação para fazer sua economia voltar a crescer.

— O Brasil é um exemplo de país que segue rigorosamente as recomendações do FMI. Não condeno isso, porque o ajuste é necessário para deixar os fundamentos do país sólidos. Mas o esforço é grande demais para uma nação em desenvolvimento. E os países ricos não fazem isso — diz Ferreira. ■